



Gaiato



Quinzenário • 27 de Junho de 1992 • Ano XLIX — N.º 1260 — Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AGORA

Rico testemunho de amor conjugal

Este é o fecho da passada edição, que nela já não coube. E o fecho abre com este testemunho rico de amor conjugal que, por ser vivido num esforço continuado de unidade, não murcha... e «já lá vão 42 anos»!

«Eu sou a mulher do assinante 26049 que me pediu, desde que nos casámos, já lá vão 42 anos, que o ajudasse em tudo, incluindo a gestão dos 'seus bens' poucos ou muitos que tivesse ou viesse a ter. Tenho procurado fazer isso o melhor que posso e sei. Agora, com grande mágoa, vejo que me distraí, adormeci durante algum tempo, e com isso descurei alguns compromissos que havia assumido. Entre eles para com O GAIATO.

Felizmente que 'o nosso jornal' de 16 de Maio último me deu uns safanões e com eles acordei.

Deste modo, pretendo pagar as assinaturas em atraso e contribuir, embora a minha contribuição seja uma gota de água, para aquela 'moradia dum chefe de família — parada há quatro anos', pedindo-lhe que me ajude a pedir perdão ao Senhor pela muita ingratidão já que, tendo-me concedido a graça de poder ajudar os meus filhos a construir as suas casas, me esqueci de quem tem tantas dificuldades para construir as suas.

Aceite os nossos agradecimentos e desculpas».

Vem da grande Lisboa, com um cheque *gordinho* e também a nós nos acorda o sentido da Justiça e da Humildade. Bem haja, ainda mais por isto do que pela *substância* do cheque.

Hino de amor ao Próximo

No extremo sul fica Tavira, de onde nos chegou uma quantia muito mais modesta mas, de certeza, muito agradável a Deus e eficiente nos seus objetivos; e também ela fecundada pela caridade mútua entre dois esposos, que sobra deles e se derrama sobre Outros:

«... Eu sei que é muito pouco, mas é fruto da minha pequena reforma por invalidez. A meu marido também há três anos lhe foi amputada uma perna. Há doze anos contraímos um empréstimo à Caixa para construirmos uma casinha. Passados todos estes anos os juros comem connosco à mesa e até o empréstimo subiu e ainda não conseguimos pagá-lo. Peçam ao Senhor que nos ajude a concretizar o nosso sonho de ter uma casinha, pois só quem a não tem, é que sabe dar o valor. E desculpai um desabafo de quem sofre. Muito obrigado pela atenção».

Meu Deus, esta carta, tão delicada, tão discreta, é um hino do amor ao Próximo e um clamor por uma Justiça Social que não sabemos por onde anda. Se calhar amputaram-lhe as duas pernas e jaz para aí inerte...

Regressemos agora do extremo sul e paremos em Évora. É uma professora

com «o sobranço» de quarenta mil com que deseja pôr em dia a sua assinatura e responder ao «S. O. S. referido no jornal de 18 de Abril sobre um Autoconstrutor... ou para o que entenda mais prioritário». Segue Valverde com metade e este bater no próprio peito: «A Autoconstrução é uma obra tão necessária e eu tenho ajudado tão pouco! Vou procurar emendar-me e passar ao auxílio vivo e não somente ao gozo de uma leitura indispensável que O GAIATO sempre me proporciona».

Passa agora a Maria da Conceição, de Oeiras, motivada também pela notícia do já referido jornal de Abril passado. E o Francisco, de Queluz, que há muitos anos era o «Zé dos Pobres» em Lourenço Marques. E a Natalina, de Mem Martins, «em véspera de partida para a Alemanha aonde vou passar um mês com Amigos queridos que me acolhem nestes momentos difíceis de solidão», partilhando «com os mais carenciados, mais ou menos a mesma importância que gasto na viagem».

Pensionistas

Coimbra, «com o aumento relativo à minha pensão de Março e retroactivos e a muita alegria que agradeço a Deus por me dar esta possibilidade».

Arouca e «16.300\$00 da minha primeira mensalidade da reforma da Casa do Povo, que sempre pensei enviar para essa grande Obra e que distribuirão como melhor entenderem». Depois,

Continua na página 4

SETÚBAL

Festas

27 de Junho no Teatro Aveirense

ESTAREMOS na Cidade do Vouga, no Teatro Aveirense, dia 27 de Junho às 21, 30 horas. Iremos assim pagar com a poesia da Casa do Gaiato transformada em espectáculo o carinho da peregrinação relatada no último O GAIATO. Será a última Festa deste ano. Queremos fechar com chave de ouro.

As nossas obras

UMA equipa de pedreiros — homens de Cabo Verde — veio trabalhar para as nossas obras. A renovação dos telhados de toda a casa, o aproveitamento dos sótãos e a ampliação de várias secções bem como o melhoramento do refeitório, da cozinha, copa e rouparia são um empreendimento de grande fôlego que estamos a ultimar.

Como já tive oportunidade de noticiar, os rapazes têm sido os grandes obreiros destas realizações. Sem a colaboração deles não teria sido possível, pois o pessoal de fora além de caro, e por vezes pouco competente, revelou-se nalguns casos destruidor.

Em Março de 91 eu julguei mesmo não aguentar tal o desgaste que certos elementos me acarretaram.

Os homens apossaram-se das obras e de mim. Foi o verdadeiro domínio do proletariado. Não havia horas, nem rendimentos, nem dignidade. E eu tinha de «grammar» tudo pois sem eles os trabalhos não avançavam e uma casa sem telhado acabava por nos destruir. Se os mandasse embora, ninguém os substituiria e, se eles se fossem, tudo pararia. Houve que aguentar!...

Continua na página 4

Malanje

Nem sempre vemos o caminho e damos voltas nas encruzilhadas

Nem sempre vemos com clareza o caminho e, então, damos voltas nas encruzilhadas olhando ao longe para descortinar.

Há dias, uma Irmã religiosa:

«Estou cansada das voltas do dia-a-dia. Sempre as mesmas. É o gás, o pão, o leite, a fechadura que se estragou, os travões do carro e o problema da água...»

Ela sente um vazio. Não foi bem para isto que decidiu vir para Angola. Tem ainda no coração o desejo de transmitir a fé, aliviar as

Continua na página 4



Maputo: mesa da família.

Aceitei o desafio

EU sou o Carlos Roda, de Leiria. Como alguns já sabem, estou aqui, em Paço de Sousa, a preparar-me para seguir para Moçambique. E ansioso por colaborar na Obra da Rua com o Padre José Maria e a Irmã Quitéria. Isto porquê?!...

Depois da minha saída do Seminário Missionário, onde estive 6 anos, sempre me mostrei preocupado em servir os Outros. Achei que era melhor largar tudo e entregar-me a um trabalho de doação total e gratuito.

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

DAR A MÃO — A viúva muito sofreu para erguer a moradia e, aí, criar um rancho de filhos!

Já quase todos mudaram de ninho.

Naquela altura, foi um caso premente. Demos a mão (melhor: os nossos Leitores) e compôs-se o mais difícil: alojar rapazes e raparigas, dignamente.

A mais nova, companhia da mãe, teve agora um acidente. O bebé não tarda a nascer e os pais vão regularizar a situação, mas precisam de tecto. Lançaram-se numa aventura: construir um anexo na moradia da mãe e estão em falta com os fornecedores.

A jovem mulher (já de si com ligeiro atraso mental) franze a cara — dorida pela cruz: «*Botem a mão à nossa vida...*»

Enquanto descreve o calvário, circula velozmente uma ave sobre nós, em vôos contínuos, levando no bico quanto precisa para construir o ninho...

Que bom seria, neste quadro, estivesse gente responsável que pegasse na lição e sacudisse a poeira de absurdos que envolve toda a política de Habitação, especialmente para famílias pobres, ou no limiar da pobreza absoluta, em algumas regiões suburbanas e do interior do País!

PARTILHA — Assinante 31104 com o cheque habitual: «*Peço a Deus que aceite a minha intenção de sempre: por alma de meus entes queridos que me fazem tanta falta. Peço rezeis por mim, pois nos últimos dias sofri tantas mortificações!*»

«*Avó dos cinco netinhos*» — de Setúbal: «*Um cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, minha pequena contribuição mensal dada com todo o carinho.*»

Viúva do assinante 13245, do Porto: «*Migalhinha que vai de todo o coração, por alma do meu filho.*»

Emília, do Porto, 500\$00. Assinante 1641, de Barcelos, 8.000\$00 — lembrando familiares: «*Forma grata de manifestar ao Senhor a nossa saudade e a esperança de que vão a caminho do Pai.*»

Estes laços da Família perduram e são adubo para todas elas.

Mil escudos, da assinante 44492, da Capital, que pede «*desculpa de ser pouco, mas reparto por mais lados e também aqui ao pé.*» Muito bem!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — A nossa casa, na praia de Azurara, está a ser renovada e nós muito contentes por isso. Esperamos que esteja pronta a tempo, para que possamos gozar, com alegria, férias à beira-mar.

Pelas CASAS DO GAIATO

FRUTA — As árvores de fruto começam a dar nas vistas. Uvas, maçãs e pêras ainda estão verdes e pequeninas; mas com as ameixas é precisamente o contrário: quase maduras!

Os mais novos tenham cuidado... porque a fruta é de todos e para todos.

VISITANTES — Continuamos a receber muitos, especialmente excursões. No sábado (dia 6) veio uma de Estarreja. Dia muito divertido!

Agradecemos por nos terem dado uma tarde feliz.

AGRICULTURA — Ainda bem que aguentou a falta de água, durante o Inverno.

Alguns campos estão já cheios de erva e o milho em crescimento. A malta da vacaria disposta para o trabalho: «*Viralatas*», Coelho, Rui Gordo, etc...

DESPORTO — No dia 6 de frontámos um grupo de Parada e tivemos hipóteses de dar uma goleada. Chegámos a vencer por 3-0. Os de Parada conseguiram empatar com muita sorte e, na segunda parte, o técnico (Luprício) pediu para se atacar e marcar golos. Foi o que aconteceu: desempatámos.

Resultado final: 7-4 a nosso favor.

«*Vitinho*»

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Agora, temos muitas visitas cá em Casa. Recebemos uma excursão da Guarda, outra de Mortágua, outra de Vila Cova, outra da Sé Velha de Coimbra, outra do Areeiro, outra de Ceira, outra de Santa Clara, outra de Soure. Estas foram as maiores e as que estiveram mais tempo conosco.

Parte delas partilharam o almoço com a comunidade, jogaram à bola, fizeram festa. Gostamos sempre muito e ficamos felizes. Apareçam muitas mais.

OFICINAS — A carpintaria continua a trabalhar e os carpinteiros fazem as encomendas e tem havido muito trabalho.

A serralharia lá vai. Fazem os nossos trabalhos e também alguns para fora.

A tipografia continua fechada. Só está aberta para os nossos trabalhos. É pena que esteja fechada!

AULAS — O último período escolar está no fim. Espero que muitos tenham aproveitado bem, boas notas ao longo do ano e

muitos tenham passado. Eu espero acabar a Escola Primária. Pois quem não aproveitar, para o ano aproveite melhor.

CATEQUESE — Há muito tempo que não falamos da Catequese! É sempre na tarde de sábado. Custa-nos deixar o recreio, ir tomar banho e depois catequese. Mas todos nós precisamos de aprender aquilo que Deus nos quer ensinar através dos nossos catequistas que dão o melhor que podem.

Frederico

TOJAL

FESTAS — Todo o trabalho que tivemos valeu a pena, pois todo ele foi feito com boa vontade por toda a comunidade e bem recebido por aqueles que nos foram ver. O público deu aquilo que era preciso: presença e carinho. Muitos dos pequenos actores pisaram o palco a primeira vez. Ficaram a saber que a vida artística não é fácil. De tudo aquilo que apresentámos, houve sempre grandes comentários; na parte dos slides, a fotografia da porca a dar de mamar aos filhos e também a entrada do Luís Filipe. É grande a vontade de tornarmos a realizar a Festa e nós sabemos o trabalho que nos espera, mas feito com boa vontade nada custa. Para o ano, esperamos que tenhamos o mesmo público ou mais ainda.

ESCOLA — Está a acabar o ano lectivo. Para muitos não será o melhor, mas esperamos que aqueles que lutaram por isso tenham a devida recompensa. Todos aqueles que não tenham esse prazer, não é de desistir, mas sim continuar a lutar para que na próxima possa ser melhor.

VISITAS — No dia 13 recebemos um grupo de senhores que tocam vários instrumentos e deram-nos o prazer de ouvir algumas músicas conhecidas e outras de sua autoria. Foi um momento agradável.

No dia 14, um grupo de Alferragide, acompanhado pelos catequistas e por um sacerdote. Passaram cá o dia todo e gostaram.

OFERTAS — A força do nosso jornal! Lançamos SOS e tudo, ou quase tudo, nos vem cá parar. Não importa novo ou usado, tudo é bem aceite. Pedimos pinturas e aí estão: Veio uma senhora, não disse nada,

encontrou um dos nossos miúdos e mandou entregar, no escritório, um precioso conjunto delas para as nossas Festas. Das mais variadas maneiras, de tudo um pouco tem cá chegado. O nosso obrigado.

FUTEBOL — Os nossos rapazes receberam um convite para realizar dois jogos de futebol fora de casa. A primeira vez que aconteceu! Ficaram contentes, mas a tristeza chegou após os resultados: nunca tiveram o sabor da derrota. Agora, puderam-na saborear. Não a aceitaram de boa vontade, mas teve que ser. Quando os recebemos em nossa Casa, a equipa foi reforçada e em casa quem manda são os donos. Ficaram a saber que as derrotas também fazem parte da vida e nunca se deve deixar de lutar para vencer.

Luís Miguel Fontes

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

ENCONTRO '92 — A Associação da Comunidade «O Gaiato» vai levar efeito o 14.º Encontro Anual e 11.º aniversário, em 5 de Julho, domingo.

O nosso Encontro é um testemunho vivo da Obra da Rua. Mantém o dinamismo e a amizade que nos une e faz de nós uma grande família e marca sempre a responsabilidade e solidariedade que caracteriza todos os associados.

Assim, a presença da Comunidade de fora que procura pôr em prática, na vida, os princípios que Pai Américo nos deu, estimula a de dentro que se propõe fazer de cada rapaz um Homem.

Convidamos os nossos companheiros a estarem presentes, nesse grande dia, pois se reveste de um significado muito importante.

A ti, que talvez nunca tenhas vindo, afirmamos que os Encontros já efectuados nos fortaleceram os laços de fraternidade que a todos une, além da alegria de nos reencontrarmos nesta grande Família de Gaiatos.

Pedimos a confirmação da vossa presença por via postal ou pelo telefone (065) 523054 — até 30 de Junho.

PROGRAMA — 8.30 h. — Concentração no Lar de Setúbal; 9.00 h. — Partida da caravana em direcção à nossa Casa em Algeruz; 10.00 h. — Celebração da Eucaristia; 11.30 h. — Reunião para tratar de assuntos de interesse, regularização da cobrança de quotas e eleição dos novos corpos gerentes da Associação; 13.30 h. — Almoço e, depois, tarde livre; 17.30 — Merenda com sardinhada; 20.00 h. — Dispersão.

Américo Correia

Em louvor de Pai Américo

PAPÁ — Padre Américo, Pai Amigo,
Sou testemunha sem favor,
Eu, que vivi contigo,
Em ti — da tua dor,
Em nós — do teu amor,
Em Deus — do teu fervor.

Do teu sonho à realidade,
Foi a perseverança na fé,
Na esperança, na caridade,
Generoso e nobre
Como abundante maré,
Serviste a pobreza e foste pobre.

Pai da infância abandonada,
Irmão protector do inválido,
Erguem-se as Casas do Gaiato,
Toma rosto teu Calvário,
Neste mundo egoísta e ilusório,
Vai crescendo teu Património.

Tua Obra é exemplar,
É única, diferente, dá vida.
Protege, educa, é familiar.
Acode à gente nua
Do corpo e da alma em justa medida.
É a Obra da Rua.

Deixaste para trás a mocidade
Com um futuro promissor,
Porque escolhido, em verdade,
Para transformar lixo em pérolas,
Fez-se a vontade do Senhor,
Que te quer em Suas auréolas.

Teu filho Alberto Augusto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Da última vez que escrevemos foi a respeito de dois casais idosos que começámos a ajudar: o sr. Augusto Teixeira e a sr.a Rosa, na casa dos 80 anos. Ele muito doente dos rins e do coração, piorou. Estava muito malzinho e faleceu há perto de três meses.

A senhora ficou só. Lá está no seu quartinho e não quer ir para lado nenhum. Já conformada, ainda chora muito, desabafa, mas, coitada, estava sempre a contar com a viuvez.

O sr. Augusto, que não tem a perna, e a sr.a Virgínia são o outro casal, um pouquinho mais jovens, 78 e 76 anos, que viviam num quartinho muito pequenino e a cama também.

Tiveram uma agradável surpresa: vagou uma casa no bairro D. António Barroso (Património dos Pobres) em Miragaia, e foram contemplados com um tecto. Bem precisavam!

Foi o melhor que lhes aconteceu. «*Estamos no Céu*», dizem muito contentes. A cozinha é jeitosa. Tem um quarto com duas janelas, sala, cozinha e quarto de banho. Tudo isto só deles. «*Até parece um palácio!*», comenta a sr.a Virgínia. Agora, já tem espaço para uma cama de casal, oferecida pela nossa amiga, D. Margarida.

O sr. Augusto vem para a porta da casa e para o pequeno quintal onde plantaram penças, nabijas e até já tem meia dúzia de pés de feijão grandinhos. Enfim, é outra coisa, outro ambiente. Estão muito felizes.

Agora, pedimos a Deus que lhes dê um pouco de saúde e vida para poderem viver felizes.

A nossa amiga, D. Margarida, pede uma oração pela mãe, que está muito doente, e envia 3.000\$00 para a renda de um casal idoso. 10.000\$00 de M. M. Assinante 15530, 5.000\$00. Assinante 22182, 10.000\$00 «para o que for mais necessário». J. R. D., 2.000\$00. Anónimo, 10.000\$00. Etelvina, 5000\$00. Lígia, 10.000\$00. A nossa amiga, da Holanda, 7.000\$00. A todos, muito obrigado. Maria Germana e Augusto

Novos Assinantes

«**Maravilhas que não podemos calar**»

Muitos leitores preocupam-se com os familiares!

Torres Novas — «*Faço questão de oferecer O GAIATO a uma pessoa de família. Irá abrir-lhe mais o coração. Fá-lo-á estar mais voltado para os Pobres. Não só ele, como esposa e filhos.*»

Lisboa — «*Sou assinante há muitos anos. Tenho um afilhado que faz 18 e quero inscrevê-lo também. Se for possível o jornal chegar às mãos dele na data do aniversário...*»

Outra, da Capital: «*O GAIATO continua a operar maravilhas que não podemos calar! Tendo ido ajudar uma irmã que olha pela nossa mãe, de 91 anos, expôs*

razões, dúvidas, lutas de consciência: 'Cortei com tudo... só ficou O GAIATO de que mantenho a assinatura e leio e saboreio'. Bendito seja Deus! No entanto, levámos a passear uma amiga. Eu trazia comigo um jornal que não conseguira acabar de ler. Referi algumas passagens. Ficou encantada. Propôs ser assinante e falar dele a um sobrinho com cuja formação se preocupa. Pedi-me deixasse oferecer a primeira anuidade».

Agora, alguns dos muitos que diariamente aqui chegam, de vários modos, por suas mãos, solicitando a recepção do Famoso:



Tribuna de Coimbra

Visitantes

«O Senhor é o Protector dos que n'Ele confiam.» Foi assim o início do Salmo da oração da manhã de hoje. Foi com esta confiança que Pai Américo deu os primeiros passos e depois andou até ao fim. É assim que têm de ser todos os que querem caminhar com e em nome do Senhor.

Nos últimos dias a nossa Casa tem sido muito animada com visitantes. De longe e de perto. Gente nova e gente de idade. Alunos e professores. Uns com muitos conhecimentos e outros com poucos. Crentes e descrentes. Todos vêm para dar e receber. Trazem as suas ofertas e levam a nossa mensagem. Quase todos sentem que levam mais do que aquilo que trazem. São aís de admiração e confiança. São lágrimas nos olhos e sorrisos no coração.

Ontem foi feriado. De manhã veio um grupo de

Guimarães — «Pela minha professora soube que há a Casa do Gaiato. Deu-me um jornal e gostei de ler. Estou a escrever para mo mandarem, pois o dinheiro que vou começar a enviar não me fará falta».

Almada — «Solicito o envio d'O GAIATO. Junto um cheque e fico à espera que acolham o meu pedido, tanto quanto eu vou acolher o vosso Jornal».

Participação activa

Outro, de Almada — «Sem adjectivos especiais, só posso dizer que a Obra da Rua me sensibiliza e motiva tanto que gostaria de participar activamente convosco! Deus vos redobre as forças para continuarem. Assim, minimamente, desejaria receber o vosso jornal».

O pequenino mensageiro não é para ficar portas adentro! Lisboa — «Passem a enviar-mo para que possa lê-lo periodicamente — e divulgá-lo».

À nossa frente uma pequenina multidão de Amigos que sopram a mensagem do Famoso por todo lado:

Negrelos — «Deve haver aí um pedido de assinatura (...). Ela queixou-se de que está à espera do jornal que não aparece. Da minha parte tenho todo o empenho em que 'ele venha' porque cheguei o fogo e quero que não arrefeça».

Albarraque — «Junto cheque duma nova assinante. Que seja mais uma porta que se abra e mais um coração entregue à Obra da Rua».

A peregrina de Angeja não se cansa de levar O GAIATO a quem o aceita ler e saborear! Sempre com boas novas e um desejo que lhe sai do fundo do coração: «Pai Américo continue vivo no meio de nós para nos dar coragem».

Júlio Mendes

adultos. Deram uma volta pela quinta. Andavam setenta dos nossos mais pequenos a arrancar as ervas no milheiral. Ao longe pareciam um grande rebanho de cordeiros. Quatro dos mais velhos com a máquina sachadora. O chefe olhava para o trabalho de uns e outros. Quando tocou a sineta para o almoço o serviço estava no fim. Uma corrida, escada acima, a caminho do lava-mãos e da sala de jantar. A tarde foi para brincar.

O grupo de visitantes ficou: «Assim é que eles se fazem uns homens. Os nossos filhos haviam de ser assim!» E todos tomaram o seu lugar no autocarro,

«muito felizes por terem vindo conhecer esta Casa e estes meninos».

Um bom modo de comunhão

Chegam também muitos grupos que trazem farnel a contar connosco. Combinam algum tempo antes. É um bom modo de comunhão. Embora possa haver um ou outro desaire, o resultado tem sido sempre muito positivo. Sentimos que somos todos uma família que se aproxima da mesma mesa e come do mesmo pão.

O saldo negativo das visitas são os mimos e lembranças aos meninos. «Toma este radiozi-

nho. Este dinheiro é para o teu mealheiro. Esta roupinha é para tu vestires.» E o encanto que levam e deixam muitas meninas: «Depois manda-me a tua fotografia que eu também te mando a minha».

Há grupos que pedem sempre uma palavrinha nossa e o testemunho de um dos rapazes. Alunos de escolas que trazem trabalhos marcados e tomam notas e fazem perguntas.

A despedida é, geralmente, de saudades. Levam os mais pequeninos muito no coração e aconchegadinhos ao colo. Nós somos uma família de mãos dadas. Mãos que recebem e mãos que dão.

Por vezes, também há grupos que vêm como turistas. A nossa vida não lhes diz nada. Saem vazios e deixam-nos vazios.

Padre Horácio

ENCONTROS

Alguns rapazes descobriram capacidades adormecidas

Durante oito semanas a nossa vida esteve marcada pelas Festas. Ao sábado, ou domingo, aí fomos nós numa agradável e responsável peregrinação. A alegria e a esperança aconteceram sempre. O encontro dos nossos rapazes com o público que os esperava produziu sempre momentos de grande comunhão. Mais de quatro mil pessoas nos viram e escutaram a pequena mensagem que procurávamos transmitir. Semeámos. Talvez nem sempre nos tivéssemos feito entender. Defeitos da nossa comunicação.

Foi uma riqueza termos realizado as Festas. Internamente ficámos mais ricos: houve rapazes que descobriram capacidades que estavam adormecidas. No meio do prosaico e, às vezes, rotineiro passar dos dias, foi introduzida a poesia, a música e a dança. A generosidade e o espírito de doação apareceram. Externamente conhecemos o calor humano. Os nossos rapazes, tão carenciados de afecto, sentiram que não estavam sós na aventura quotidiana de se tornarem homens. Experimentaram que não precisam de se esconder. Muitas pessoas os amam, os estimam e ajudam como podem.

Carta dum pároco

Creio que os lugares por onde passámos também não ficaram a perder. Depois da nossa passagem recebi carta dum pároco que reza assim:

«Venho, antes de passar a euforia, agradecer a todos a Festa que no último sábado proporcionaram a toda a comunidade. De facto, antes, durante e depois, dá-nos a oportunidade de evangelização sobre os Pobres, sobre a

Pobreza e sobre a instalação de muita gente da nossa comunidade. Outro motivo do meu agradecimento é muito pessoal, já que, ao longo da minha vida, nunca me tinha sido possível participar numa Festa vossa. Agora fostes vós que me oferecistes essa oportunidade na minha casa. De certo que o Senhor a todos recompensará».

Dei a conhecer esta carta aos rapazes mais velhos. Assim, eles ficam a saber da importância do seu trabalho. Muitas outras confidências recebi. Só temos a agradecer a Deus o servir-se de nós para despertar, desinstalar e dar esperança a muita gente que por aí anda caída sem saber que fazer. Nós dizemos: O caminho da Igreja e do Evangelho são os Pobres. Queremos agradecer a todos os que nos acompanharam,

EM LISBOA

quer na preparação do roupeiro quer nas maquiagens, electricidade, som, transporte, ensaios, etc. Um muito obrigado também a todos os que nos acolheram, ajudaram na venda dos bilhetes e prepararam as merendas dos rapazes no fim dos espectáculos. Se outros motivos não houvesse, bastava ver toda a movimentação de generosidade que as nossas Festas provocaram para dizer que valeu a pena realizá-las. O Evangelho cumpriu-se. Os Pobres estiveram presentes e foram acolhidos no coração. Experimentámos a força da Boa Nova e a sua exuberante vitalidade.

Padre Manuel Cristóvão

Aceitei o desafio

Continuação da página 1

Surgiu então esta oportunidade de partir para África. Sempre foi o meu desejo. Aceitei o desafio. Assim, realizo o meu projecto, aquilo que eu sinto cá dentro... e quero deixar florescer...

Quando o Padre José Maria me escreveu a primeira vez de Moçambique, a sua primeira frase tocou-me muito: «Você é um presente de Deus»... Deu-me muita força. Quero ser, sim, este presente de Deus — apesar das minhas limitações. Quero ser um jovem ao serviço de Deus e dos mais necessitados. Não é preciso ser Padre ou Religioso para se lançar nesta aventura da vida. Basta querer... e vocação!...

Assim, como dizia o Padre Elísio da Consolata, conseguimos desmentir as afirmações dos adultos que dizem que a juventude não é capaz de assumir compromissos duráveis e exigentes.

Graças a Deus tive o apoio de todos os meus amigos, familiares e do meu Pároco. É importante sentirmo-nos todos comprometidos na mesma missão, cada um a seu modo. Uns cá, outros lá longe... Mas unidos na oração.

Bem sei que vou encontrar muitas dificuldades. Situação de guerra, fome e doença. Mas também sei que já vou encontrar um «embrião» da Obra; e isso é muito importante... Conseguimos fazer algo...

Há que ter muita fé e viver o Evangelho na simplicidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para fazer um trabalho destes é preciso ter fé e uma vontade enorme de amar o Próximo, com a ajuda de todos. Sozinho lá, não conseguiria fazer praticamente nada.

Temos que nos completar uns aos outros.

É um convite para quem quiser aceitar o desafio.

Carlos Roda

DOCTRINA



Se quiseres ser verdadeiramente grande, desce e serve por amor de Deus.

• Mais um passe nos caminhos de ferro e mais nada. Os Pobres já me tinham dado um, dos eléctricos de Coimbra; dão-me agora outro, em primeira classe, na rede geral dos caminhos de ferro e eu quero trabalhar muito para que eles, os Pobres, me dêem o da Eternidade! Vale bem a pena servi-los, de gatas.

• Armado como agora ando de bilhete nos comboios, tenho subido mais amiúde as caleiras pom-balinas do Terreiro do Paço, tendo já levado o atrevimento a falar com ministros, cara a cara, anunciado e introduzido por secretários! Dos fracos não reza a história.

• Toda a gente supõe ser o comboio que me leva à Capital e assim parece; mas não: são os garotos da Casa de Repouso. Eles são a paixão, o pensamento, a nota viva e absorvente das passadas que a gente dá. Ai, que se tu aparecesses de manhã e visses cada um em sua tarefa — vassoiras nas salas, sachos no jardim, foices na quinta, bilhas na fonte, arranjos no refeitório, mandados na rua — a grande chilreada dos gaiatos, a par dos passarinhos, em Abril pujante; se os visses assim, digo, farias como eu! São eles, sim, que me levam a Lisboa, à beira de homens de Estado; quem me dá aquela palavra quente e forte que puxa lágrimas dos corações e arranca diamantes do seio da terra. Qual abelha laboriosa que não perde seu tempo, de flor em flor, e regressa à família, assim eu, de Lisboa. Trago coisas de vestir, coisas de comer; trago restos, aparas, retalhos; trago promessas, esperança, muita simpatia.

• A primeira grandeza do ministro não lhe vem da pasta, mas sim do coração. Eles não são guindados a tamanhas alturas, senão somente para verem melhor as necessidades dos seus súbditos e servi-los. «Aquele de entre vós que for o maior, seja o servo de todos; Eu dei-vos o exemplo.» Este o Mandamento-padrão que orienta e que vence; nunca ninguém naufragou aqui. Servir quer dizer dar-se. Este verbo exclui todo o cálculo, toda a medida, todo o interesse, todo o cuidado de si mesmo. É activo, não é reflexo. Dar-se inteiramente a Deus pelas criaturas; e então, mas só então, compreenderás o que o Mestre quer dizer com o «digno é o operário da sua mercê».

• Quando no giro do dia a gente abre muitas vezes a bolsa para distribuir muito, parece que é dar e não, é sacar. O oiro não está todo na América, como dizem os jornais. O operário é digno da sua mercê, onde quer que trabalhe. Os que trabalham em favor dos Pobres, nomeadamente da Criança, devem colocar toda a sua glória no bem servir. Hospitais, Asilos, Creches, Albergues, Dispensários, Colónias Penais, Cadeias, Reformatórios — ninhos de miséria, de doença, de vício — todos os senhores e todas as senhoras que ali trabalham, deviam aprender a soletrar o verbo servir antes de tomar posse dos seus lugares. Não vá suceder que à hora da morte, já tarde, reconheçam que trabalharam em vão, servindo-se dos lugares em vez de, com eles e por eles, servirem.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

SETÚBAL

Continuação da página 1

Fui-me habituando a tudo, até às mais grosseiras obscenidades de linguagem! A minha saúde abalou-se... e de que maneira!... Muitos rapazes desmoralizaram e abriram brechas que demorarão anos a refazer.

Homens que amam a verdade e a justiça

Esta equipa de homens africanos veio encher-me de esperança e energia. Não preciso de os vigiar. Eles trabalham sempre. Interessam-se pelo rendimento e têm brio naquilo que fazem. A sua língua é limpa e a sua atitude perante os outros é verdadeira e humilde.

Sinto estar diante de homens evangelizados. Homens que amam a verdade e a justiça e comungam dos nossos problemas. Há dias, fui encontrar num carro deles um autocolante com letras garrafais: «Eu amo Jesus!» Sei que o amor não precisa de propaganda. Viu-se. Mas entendo também que quando a cultura literária é diminuta, expressões destas são compreensíveis e até louváveis.

Fala-se hoje muito de evangelização. A Igreja grita em todo o lado que é urgente evangelizar.

Pregar o Evangelho tal qual no-lo deixaram as primeiras testemunhas não basta. É necessário que os pregadores sejam prova vivencial do que afirmam. E não escribas e fariseus que pregam e não fazem. Realizadores de culto sem vida, embora com muito brilho litúrgico e aparato artístico.

O Padre Américo foi um homem evangelizado e que se evangelizou interiormente em crescimento contínuo até à morte no contacto permanente com Deus — a Sua Palavra — e com os Pobres. Estes foram sempre o seu primeiro e principal instrumento de evangelização pessoal como também o objectivo primário da sua acção. Assim atingiu os pobres e ricos sem excepção e todas as classes se vergaram perante a força da sua palavra e do seu testemunho.

Se o Padre Américo tivesse deixado o contacto directo com os bairros de lata e com os homens sofredores, se se tivesse instalado em estruturas, ainda que eficientes, e abandonasse o convívio imediato com os rapazes e as suas dificuldades pessoais para se refugiar numa posição de ideólogo e pregador, teria perdido todo o cariz apoloético e evangelizador.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres»

Daqui a sabedoria divina que lhe rebentou do coração: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres!» Nada mais fácil, nem mais suave nem mais verdadeiro! A eficácia da comunhão e da missão de uma pequenina igreja mede-se pelo cuidado com os seus Pobres!... Tudo o resto é mera teoria.

Toda a evangelização começa por aqui e tem nos Pobres sempre o seu apogeu.

Todos os programas pastorais, para serem evangelizadores, deviam ter sempre em meta primeira, o exercício da

caridade, concretizado na solicitude com os Pobres.

Já que o mundo e os seus oradores se fixam no dinheiro, na vaidade e na mentira, os pregadores do Evangelho devem amar a pobreza, a verdade e a pequenez.

Basta a estes um túnica e um bordão.

Aqueles missionários de há quinhentos anos abandonaram as estruturas: a terra, a casa e a família e criaram, em terras longínquas, novas estruturas de verdade, de justiça e humildade — de que eu estou agora a beneficiar mais os meus rapazes.

Estes homens carregados de filhos e de dificuldades sem conta, libertos da corrupção social europeia, possuídos de responsabilidade e dignidade são o espelho do homem evangelizado e evangelizador.

Padre Acílio

MALANJE

Continuação na página 1

dores e vestir os nus. Só voltinhas de volta da sua própria casa.

Outra Irmã muito preocupada ao tomar conhecimento que no bairro e junto de sua «casa de formação» crescem e se multiplicam os «manás e as testemunhas de Jeová»... Enquanto ela e suas Irmãs se afadigam com a formação de meninas para noviças, postulantes e irmãs — para que estas, um dia, formem mais noviças, postulantes e Irmãs.

Duas boas Irmãs, mas preocupadas e aflitas...

Que o Senhor nos dê luz para os nossos caminhos.

Uma carta

O Quim é gaiato de Malanje, há 23 anos. Entrou pequenino com seus cabelos eriçados e russos. Logo a malta: «Olha o *suviético!*». É hoje professor de filosofia no Liceu do Funchal. Durante a revolução de 75 arriscou várias vezes a vida por amor à Obra da Rua. É justo que o louvemos.

Eis a sua última carta:

«Querido Padre Telmo e irmãos malanjinos.

Num Maio primaveril, da Ilha em flor, estamos de coração posto aí no Culamuxit. A lagoa a encher, a luz a chegar, as sementes postas nos sulcos dos arados, o capim a ceder o lugar à vegetação verde e essencialmente os rapazes a saborearem a família da Obra da Rua e a crescerem para um futuro mais risonho.

Passaram os Ramos e a Ceia na quinta-feira, depois a Morte e por fim a Ressurreição. Por cá a grande Festa esteve apagada nos corações. De quando em quando vieram-me saudades da procissão à volta do cruzeiro assente na grande pedra ladeada de rosas e relva, a laranjada da quinta-feira e a Missa. Veio também o dia de Páscoa. Só recordações porque por cá a fé cristã está esbatida devido à sociedade consumista de bens que por cá se instalou: vida, trabalho e consumo.

Iniciamos outro período lectivo, burilamos as palavras e nós cultivais a vida. Todos num mesmo mundo palmilhámos lado a lado. Deus além, ao fundo do túnel, dá-nos a Luz para que não nos percamos nos passos enquanto de mãos dadas edificamos o Seu Reino.

Temos recebido tristes notícias. Deus, neste mês, levou o Jaime, irmão do Tomás; antes tinha levado o Jaimito e na Peraboa também quis levar o pai do Jaime meu cunhado: o velho Jaime.

Enfim, estamos na vida até à hora do misterioso encontro final com o Pai.

Aqueles que ainda se lembram do Quim e a todos os amigos colaboradores da Obra que têm vindo das senzalas para edificarem de novo o reino dos meus irmãos malanjinos, peço que lhes dê um forte e saudoso abraço.

Ao Quim, de Lourenço Marques e ao Júlio da Silva, que foram dar uma mão no arranque, aqui vai a saudação amiga de quem os admira.

Vistas de dentro

Dia de contentor

HOJE é dia de contentor. Eis uma novidade recente cá em Casa, a qual, sem a solenidade dos dias anuais e mundiais que se festejam por toda a parte, mobiliza as forças vivas da comunidade e, de certo modo, também constitui festa.

O nosso portão não foi previsto para os grandes camiões de hoje. Quem, há cinquenta anos, contava com eles? Por isso que o contentor não entra, a carga tem de ser feita fora do portão, o que significa duas cargas: do ex-salão de ginástica (há mais de uma ano convertido em armazém por conta de África) para o tractor e, depois, deste para o contentor. Por isso falo em forças vivas, que neste trabalho é preciso mesmo muito músculo.

De onde estou, vejo os dois tractores para baixo e para cima, entre a equipa que desarruma do armazém e a que arruma no contentor. É uma azáfama que, por ser diferente da de todos os dias, tem o seu quê de festa — mas não neste momento em que a chuva aperta e as horas não perdoam, pois às 17 tudo tem de estar em Leixões, pronto pró embarque.

Sarilhos...

ONDE quer que estejamos, seja o pretenso recolhimento do escritório, seja em voltas pela Aldeia, constantemente somos assaltados pelas queixas mais diversas.

É um a quem tiraram qualquer bem de sua propriedade privada.

É outro que não lhe chegou a merenda. São vários que trazem o delinquente que abandonou o trabalho ou foi apanhado à fruta, para um julgamento sumário. É outro que vem a sangrar por desastramento próprio ou alheio... Sarilhos a todas as horas; questões a cada momento.

À vezes a gente está cansado e impaciente e reage mal. Mas quando pensamos nas tricas dos grandes, nas vaidadezinhas insatisfeitas, nos amores-próprios ofendidos, nas guerrilhas por guerilhar... enfim, nas criancices dos maiores — a que a comunicação social, doentia e avida de quanto cheire a escândalo, dá tanto e tão imerecida atenção — quando pensamos nisto, as diabruras dos miúdos e as *tempestades em copo de água* que eles produzem, geram um sorriso do mais fundo de nós e acabam até por dar-nos paz.

Certo, certinho mesmo, o nosso Fernando Pessoa: «O melhor do mundo são as crianças».

Serviço militar

O serviço militar finalmente, e felizmente!, reduzido a quanto basta, fez-nos outros estragos bem custosos de

sofrer; e ainda agora - mesmo assim! - às vezes, se faz sentir.

O Vítor era o homem da música e do canto, secundado pelo Quim-Zé. Em Abril foi prá recrutar em Viseu e está agora na Figueira da Foz.

Quim-Zé ascendeu a «chefe de orquestra», mas nas primeiras semanas actuou a solo. Eis senão quando, um domingo destes, entro na Capela para celebrar e vejo o Tavares de viola em punho, acompanhando o «mestre» e os cantores na acção litúrgica. Uma surpresa boa! Fiquei contente. No fim declarei ao Quim-Zé este sentimento. Ele não é de muitas palavras. Apenas me disse: «E não fica por aqui!».

Só depois reparei, e tenho reparado, que na hora de recreio, ao fim da tarde e nos sábados e domingos, se pode escutar da sala de música uns acordes discretos, *pianinhos*, decerto dos novos aprendizes. Não fui ver. Não tem tencio no ir. Espero, na hora própria, ver em que ficamos, já que isto «não fica por aqui».

Padre Carlos

Agora

Continuação da página 1

Fiães, a assinante 31254 com lugar certo nesta coluna... e em muitas outra, d'O GAIATO.

Esmoriz fica ali perto, à beira-mar. O assinante 13590, com «uma pequena lembrança de Páscoa e Deus sabe quanto mais desejava mandar, mas as possibilidades são modestas».

Agora é a vez do Porto. Vinte mil depositados anonimamente na conta Património dos Pobres da U. B. P. Júlia Augusta e suas lembranças com este e outros destinos. Um cheque da R. da Constituição e quatro palavras telegráficas: «Por favor manter anonimato». Oitenta: «É em Acção de Graças. O Senhor ajudou-me muito na venda e compra de uma casa, pelo que queria que esta oferta fosse aplicada na ajuda à construção ou recuperação da casa de família muito pobre». Ermesinde: Dez da Ana e Renato e quatro vezes mais da Cristina.

Vimos de Tavira e vamos parar em S. Tirso: «Recebi hoje o vosso jornal e li-o todo, como de costume, mas hoje chamou-me a atenção a Autoconstrução. O que sobrar do meu jornal tem esse fim. Deus é infinitamente bom. Que Ele nos abençoe a todos». Amen.

Padre Carlos



Director: Padre Carlos - Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - Cont. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239